

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Brendah Leticia da Costa Alves Pimenta

**Entre as rasuras do texto e da memória: Genolino Amado
e *Um menino sergipano***

RIO DE JANEIRO

2023

Brendah Leticia da Costa Alves Pimenta

Entre as rasuras do texto e da memória: Genolino Amado e *Um menino sergipano*

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Letras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Santos

RIO DE JANEIRO

2023

[FICHA CATALOGRÁFICA]

Brendah Leticia da Costa Alves Pimenta

**Entre as rasuras do texto e da memória: Genolino Amado e Um menino
sergipano**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Escola de Letras da
Universidade Federal do Estado do
Rio de Janeiro como requisito parcial
à obtenção do grau de Bacharel em
Letras.

Aprovado em: ____ de _____ de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcelo Santos.

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio)

Profa. Dra. Lúcia Ricotta Vilela Pinto

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio)

AGRADECIMENTOS

A Deus e Meishu-sama, por ser meu refúgio e fortaleza;

Agradeço à minha família, em especial aos meus pais Angela e Roberto, que me incentivaram a alcançar meus sonhos, sem vocês nada disso seria possível.

Aos meus irmãos, pelos conselhos, afeto e o apoio;

Aos meus amigos antigos e aos novos da faculdade que me ajudaram nesta caminhada;

Agradeço aos Professores Dr. Marcelo Santos e Profa. Dra Lucia Ricotta, por todo apoio.

[...] O texto é o contexto do poeta

Ou o poeta é o contexto do texto?

O texto visível é o texto total

o antetexto o antitexto

Ou as ruínas do texto?

(MENDES, 1995, p.735)

RESUMO

Este trabalho tece um panorama da criação artística e literária da obra de Genolino Amado, percorrendo as nuances presentes em um livro de memorialista, através da análise dos diversos prototextos presentes nos arquivos datilografados do escritor, referentes ao livro *Um menino sergipano* de 1977. Examina as diferenças entre as escolhas feitas e as possíveis influências na recepção e interpretação da obra. Busca estabelecer um paralelo entre a gênese e a escrita final, compreendendo o que foi anulado ao longo do processo e a obra publicada. Explora o campo da crítica genética aplicada, buscando apresentar e compreender os conceitos e métodos desta abordagem analítica. Investiga e descreve o processo de criação da referida obra, analisando as técnicas, inspirações e abordagens artísticas nela presentes. Descreve, ainda, o uso de rasuras na obra do escritor, examinando seu significado, intencionalidade e impacto na construção do texto memorialista. Objetiva contribuir para a preservação e disseminação do conhecimento sobre a vida e obra memorialista de Genolino Amado, a fim de ampliar o acesso e a compreensão de sua importância para a sociedade contemporânea e futura. Apresenta a importância da crítica genética e como ela pode ser instrumento de análise de obras literárias, de acordo com a abordagem que é utilizada. Para tanto realiza uma revisão bibliográfica e baseia seus critérios de análise, principalmente, nas proposições feitas por Pierre-Marc de Biasi no livro *Crítica Genética*, de 2010. Por fim, conclui que, ao fazer uma descrição minuciosa do material datiloscrito de Genolino, utilizando-se das técnicas da crítica genética, é possível percorrer o caminho entre o imaginário e a sensibilidade de transposição nas narrativas memorialísticas.

Palavras-chaves: Genolino Amado. Crítica genética. Memorialismo.

ABSTRACT

It weaves an overview of the artistic and literary creation of Genolino Amado's work, going through the nuances present in a memoirist's book, through the analysis of the various proto-texts present in the writer's typed files, referring to the book *Um Menino Sergipano* from 1977. Examining the differences between the choices made and the possible influences on the reception and interpretation of the work. It seeks to establish a parallel between the genesis and the final writing, understanding what was canceled throughout the process and the published work. Explores the field of applied genetic criticism, seeking to present and understand the concepts and methods of this analytical approach. Investigates and describes the process of creating, analyzing the techniques, inspirations and artistic approaches present in it. It also analyzes the use of erasures in the writer's work, examining their meaning, intentionality, and impact on the construction of the memoirist text. It aims to contribute to the preservation and dissemination of knowledge about Amado's life and memorial work, to expand access and understanding of his importance for contemporary and future society. It presents the importance of genetic criticism and how it can be an instrument for analyzing literary works, according to the approach used. To this end, carries out a bibliographical review based on the propositions made by Pierre Marc Biasi in the book *Toward a Science of Literature: Manuscript Analysis and the Genesis of the Work* (2004). Finally, concludes that, when carrying out a thorough analysis of Genolino's typewritten material, using genetic criticism techniques are used, it is possible to travel the path between the imaginary and the sensibility of transposition in memorialist narratives.

Keywords: Genolino Amado. Genetic Criticism. Memorialism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Capa do Livro “Um menino sergipano”	22
Figura 2: Sabia ou não sabia?	31
Figura 3: A casa	32
Figura 4: Triste Fim do Alegre Duda	33
Figura 5: O mundo além	34
Figura 6: O apelido e o nome	35
Figura 7: A casa do Girassol	36
Figura 8: Primeiras Letras	37
Figura 9: Véspera de Gilberto	38
Figura 10: Genoline	39
Figura 11: O Arquipélago	40

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Estudo Genético aplicado

28

ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
AMLB	Arquivo-Museu de Literatura Brasileira
FCRB	Fundação Casa de Rui Barbosa

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 AUTOBIOGRAFIA, MEMÓRIA E GENOLINO	16
2.2 DE FRENTE COM GENO	17
3 A CRÍTICA GENÉTICA	24
4 MANUSCRITO VERSUS DATILOGRAFIA	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

O trabalho em questão apresenta a importância da crítica genética e como ela pode ser instrumento de análise de obras literárias, de acordo com a abordagem que é utilizada. Trata-se de analisar e apresentar os gestos do autor, logo como se fosse trabalho de um investigador que monta as peças do seu "caso investigativo" a partir dos arquivos literários de Genolino Amado.

Pistas reveladoras são encontradas nos manuscritos, esboços e anotações do pré-texto, que existe antes mesmo da publicação da obra. Todo escritor faz seu projeto de texto e nele estão contidas as rasuras presentes nos esboços. Ao se debruçar sobre os dossiês do arquivo de Genolino, o crítico geneticista empenha-se em decifrar as marcas da sintaxe utilizada pelo autor.

É assim que o processo de investigação começa a tomar forma: ao adentrar nos arquivos, o pesquisador tem acesso a um tesouro de informações para auxiliar na compreensão da gênese da escrita.

O objetivo geral aqui é criar um panorama minucioso de como se constrói a criação artística e literária do livro de Genolino Amado, percorrendo as nuances presentes em um livro de memorialista de sua autoria.

Nesse contexto, é fundamental analisar os prototextos presentes no arquivo de Genolino Amado, prototextos que se encontram sob a forma de folhas datilografadas com rasuras. Para sua época, Genolino Amado é inovador ao manter todo seu material datilografado, utilizando a forma manuscrita em cima da lauda, com o objetivo de corrigir e anotar futuras mudanças textuais. Esses esboços iniciais revelam os caminhos percorridos pelo autor, as ideias que foram moldadas e refinadas ao longo do processo criativo.

Através de comparações entre os prototextos do dossiê de *Um menino sergipano* e o texto final publicado, é possível examinar as diferenças entre as escolhas feitas e as possíveis influências na recepção e interpretação da obra.

A presente pesquisa dedica-se sobre o livro "*Um menino sergipano* (1977)", que marca um ponto de inflexão na carreira de Genolino Amado, conferindo-lhe maior visibilidade e premiações. É nessa obra que encontramos um terreno fértil para compreender a evolução do seu processo de criação artística.

Para tanto, o estudo dedica-se ao mapeamento da escrita de Genolino Amado, ao utilizar os rastros deixados pelo autor em seu arquivo literário. Esses rastros ajudam a revelar os procedimentos repetitivos, empregados em sua escrita, as técnicas exploradas e suas inspirações que o impulsionaram. Ao identificar esses elementos, é possível estabelecer um paralelo entre a gênese e a escrita final, compreendendo o que foi anulado ao longo do processo e a obra publicada.

Um aspecto de grande relevância nesta pesquisa, e no qual este trabalho está concentrado, é a análise do uso de rasuras na obra de Genolino Amado. Essas marcas de correção, apagamento e alteração nos manuscritos revelam aspectos fundamentais do processo criativo do autor. Ao examinar suas rasuras, o objetivo geral é contribuir para a preservação e disseminação do conhecimento sobre a obra memorialista de Genolino Amado.

Assim, estabeleceram-se os objetivos específicos explorarem o campo da crítica genética aplicada à obra memorialista de Genolino Amado, compreendendo os conceitos e métodos dessa abordagem analítica e realizando o contraste e o cotejo de versões datilografadas e anotações manuscritas dos textos de Genolino Amado, examinando as diferenças e possíveis influências na recepção e interpretação da obra.

Pretende-se, com tais procedimentos, investigar e descrever o processo de criação da escrita de Genolino Amado, analisando suas técnicas, inspirações e abordagens artísticas; e, então, analisar o uso de rasuras na obra de Genolino Amado, examinando seu significado, intencionalidade e impacto na construção do texto memorialista.

A pesquisa justifica-se por contribuir para a preservação do legado de Genolino Amado, promovendo a disseminação de informações e conhecimentos sobre sua vida e obra, a fim de ampliar o acesso e a compreensão de sua importância para a sociedade contemporânea e futura.

Para consolidação desta pesquisa, foi realizada, em primeiro lugar, uma revisão bibliográfica. Para tanto, utilizaram-se os arquivos e correspondências de Genolino Amado, os datiloscritos com uma sequência de anotações e rasuras, nomeados de prototextos, e o acesso ao livro publicado. A vasta lista de arquivos se encontra na Casa de Rui Barbosa (FCRB), no setor de Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB). Vale ressaltar que os critérios utilizados nessa pesquisa estão

sendo baseados no livro do crítico Pierre-Marc Biais, *Crítica genética* (2010), no qual o autor propõe diversos métodos e princípios para avaliar os arquivos.

Convém observar que no decorrer dessa pesquisa percebeu-se, dentro dos arquivos do autor, uma série de traços, apagamentos, riscos, colagens, recortes, e deslocamentos em outros documentos, porém isso oferece apenas hipóteses, dúvidas, achismos e interpretações para além de nosso objetivo.

2 AUTOBIOGRAFIA, MEMÓRIA E GENOLINO

De acordo com o teórico Luiz Antônio Marcuschi (2003), os gêneros textuais são elementos importantes para subdividir as características dos tipos textuais e cada um deles tem uma função e o seu próprio modo de organização. Esses elementos são formas sociocomunicativas, e elas possuem características intrínsecas dentro das naturezas linguísticas criadas historicamente pelo ser humano. O gênero “memória” se encontra na categoria narrativa, composta pelos aspectos sintáticos e lexicais. O parâmetro primordial dessa escrita é usar o protagonista-narrador como um meio de revelar as suas histórias. Mas o que é a memória? É uma vivência específica de indivíduo, onde as lembranças de momentos vividos por ele se interligam, e podem ser revividas na imaginação ou representadas na escrita dele, sendo algo mais relativo à experiência.

Entendemos como história o discurso científico que registra e utiliza meios de costumes e os modismos vividos pela sociedade. Esse sempre foi um jeito de demarcar os acontecimentos, seja via oral ou pela própria escrita.

O autor memorialista, por sua vez, se preocupa em contar os fatos ocorridos para levar a todos apenas a veracidade e a difusão da sua leitura do mundo, pois a história nada mais é, para ele, que uma ciência que estuda a sociedade através do tempo, pois o passado influenciará no presente.

Ao reinventar o passado, o autor desdobra, dinamiza, agênciada toda a sua subjetividade, pois consegue viajar através do tempo, cultivar as lembranças, e isso nos leva a refletir sobre os momentos e compartilhar com o outro a construção de sua identidade pessoal, tal ato aproxima e traz diversas sensações de reviver o passado no presente.

No ensaio “Poesia e ficção na autobiografia” (1989), o crítico Antonio Candido faz um mapeamento de escritores do Brasil que se propõem a unir o meio poético e ficcional na criação de narrativas autobiográficas. O autor ressalta alguns escritores de Minas como Carlos Drummond e Pedro Nava.

Para Candido, a escrita autobiográfica contribui com uma influência intangível em termos de preservação do passado.

Confinado nos limites da sua memória, com a vontade tensa de apreender um passado que só lhe chega pelo documento e por pedaços da memória dos outros, o Narrador penetra simpaticamente na vida dos antepassados dos parentes mortos, no seu ambiente, nos seus hábitos, e não tem outro meio de os configurar senão apelando para a imaginação. (CANDIDO, 1989 p.61)

Tendemos a situar o narrador memorialista Genolino como pertencente às memórias dos modernistas, conforme nos apresenta Cândido. Podemos traçar de forma mais singularizada a trajetória do escritor sergipano para percebermos sua singularidade naquele panorama. O narrador entra nesse espaço performativo da narrativa e embaraça entre a ficção e a sua realidade autobiográfica.

2.2 DE FRENTE COM GENO

Genolino Amado nasceu na cidade de Itaporanga d'Ajuda, no interior de Sergipe, em 1902 e faleceu em 4 de março de 1989. Usava o pseudônimo “Geno”, e em 1919 ingressou na Faculdade de Direito da Bahia; foi professor do curso de Jornalismo da antiga Universidade do Brasil, professor do Colégio Amaro Cavalcanti, eleito também procurador do Estado da Guanabara.

Trabalhou como redator do Correio Paulistano, do Diário de São Paulo e do Cruzeiro, foi cronista radiofônico da *Biblioteca no Ar*, premiado duas vezes como melhor programa cultural da rádio no Brasil. Além disso, em 1973, foi eleito para ocupar a cadeira 32 da ABL.

Genolino é um dos catorze filhos do casal Melchisedech Amado e Ana Amado, irmão do, também escritor e acadêmico, Gilberto Amado e de Gilson Amado. No entanto, o brilhantismo da escrita vem do sobrenome Amado, pois Geno era primo de Jorge Amado e James Amado.

O autor Genolino Amado também foi escritor de diversas coletâneas de crônicas, peças teatrais, contos e ensaios críticos, além de autor dos livros *Um menino sergipano* (1977), *O reino perdido* (1971), *Os inocentes do Leblon* (1946), *Um olhar sobre a vida* (1939), *Vozes do mundo* (1937), *O pássaro ferido* (1948), *Avatar* (1948) e *Dona do mundo* (1948). Essa sequência continua cruzando o ato de

reviver a memória partindo da escrita, em meio a todo o embaraço de viver os momentos ditos felizes e se esquivar dos infelizes.

Através do passado é possível preencher lacunas com simples memórias que podem ser revividas a partir da escrita, ou por meio das lembranças, escondidas no hipocampo do cérebro.

A produção literária de Genolino investiu na delicadeza da transcrição exata da autobiografia. Neste contexto, as reflexões apresentadas por Candido (1989) se encaixam perfeitamente quando o crítico observa que: “Não se trata mais de poemas da memória em meio a outros de orientação diversa; mas unicamente de casos, cenas, emoções da infância de um emissor suficientemente caracterizado para se saber quem é.” (p. 54).

Ainda segundo Candido, o processo de narrar uma história sobre si, se afirmar como uma autobiografia, se ampara em uma performatividade interpessoal, o protagonismo que se dá por trás de uma narrativa do self.

Um menino sergipano, publicado em 1977, é uma narrativa memorialista, que resgata toda a sua infância na cidade natal. Antes de vir para o Rio de Janeiro, ele viveu boa parte de sua vida em Sergipe.

No livro *Corpo escritos* (2009), dedicado à obra de Graciliano Ramos, o crítico Wander Melo Miranda apresenta algumas características desse reencontro narrativo com o passado. Indo em direção ao encontro da dor, e da simplicidade, a ficção e a memória.

A sua narrativa conduz o leitor para um novo olhar direcionado à essência da produção poética, sendo ela com dois lados da moeda. Pois, entre a ficção e a memória, a subjetividade poética insere-se a partir de uma escavação arqueológica entre os eus da infância, adolescência e vida adulta. O processo de escrita é importante para espelhar a vivência, porém de perspectiva mediada pelo narrador adulto com teor mais peculiar.

No capítulo ‘Tempos de Brincar’ (p. 63), o autor descreve a sua experiência enquanto criança moleca, relata as aventuras de forma genolisticamente, traz à tona a visão de uma criança, ingênua e alegre que se divertia com a família, pois os dias em Estância eram coloridos e com sabor de felicidade:

Outra brincadeira que tinha o seu tempo certo, a de soltar arraias. Parecidas, porém não iguais aos papagaios e às pipas dos que não tiveram

a bênção de ser garotos em Itaporanga. O brinque- do sucedia às festas de São João, com aproveitamento dos barbantes que encastoavam as tabocas dos busca-pés. Brincadeira gostosa. Nesta não desonrei a família. É que, soltando arraias, eu, o menino preso, me senti solto. (AMADO, 1977, p.62)

Descreve, assim, o tipo de travessuras que todo adulto, quando criança, teve oportunidade de fazer com os colegas, de modo que o leitor se identifique com a experiência agora narrada. A escolha do título, que tem uma relação direta com a passagem do tempo, logo retoma a ideia de autobiografia a partir da escrita das vivências enquanto criança peralta.

A pequena infância é um jeito de construir um laço com as memórias, diante das brincadeiras. Então, o autor expõe essa versão mais lúdica do seu passado. Ao entrar nesse terreno fecundo da escrita criativa sergipana, é possível enxergar os detalhes pitorescos das memórias de Aracaju vividas pelo autor.

Entretanto, no trecho abaixo, o narrador descreve a beleza de Aracaju em um enlace nostálgico, vivenciado pelo autor. O retorno à sua cidade natal traz a memória seu primeiro amor, sendo ele “Aracaju”, e remonta as recordações de momentos de alegria e tristezas.

[...] No capítulo que começo deveria reatar e desenvolver o que os olhos colheram e a alma poetizou num infantil namoro com a formosura da capitalzinha sorridente. Mas por risonha, Aracaju requer que se fale dela com alegria. E a alegria do garoto se nublou de uma tristeza; tristeza sem razão que pudesse entender inteiramente, só uma desconfiança de que as coisas não corriam bem lá em casa [...]. (AMADO, 1977, p.91)

O autor pontua no começo do capítulo que a ideia de estar em Aracaju representa o “Entressonho do menino itaporanguense” (1977, p.91); em outras palavras, o sonho virou realidade e se desenvolve por meio da voz do narrador adulto.

No entanto, Genolino transpõe a partir da sua narrativa um olhar em frente ao espelho do passado e do presente: “Foi assim que pensei, Genolino de cabelo brancos finalmente de volta a cidade que. - é ingratidão [sic] - não revia desde quando?” (AMADO, 1977, p.95).

Embora haja a passagem do tempo, o autor encara, na narrativa do agora, o panorama remontado de sua infância, adolescência e se vê adulto, com os cabelos grisalhos em meio às suas inquietudes. Em seguida, desenvolve mais esse montar e desmontar de um “quadro” vivido pelo narrador-protagonista:

Certas lembranças do meu tempo em Aracaju só ganham significação depois de interpretadas pelo memorialista que já passou dos setenta. Menino muitas coisas via, ouvia mais não entendia bem. E talvez porque não as entendia é que a cabeça as guardou. Agora extraio essas reminiscências, que me voltam soltas, e, relacionando-as, aclarando-as com compreensão adulta, elas me esboçam o quadro familiar e social em que viveu o garoto. (AMADO, 1977, p.150, grifos nossos)

O autor, como dono de sua escrita, possui alguns privilégios de montar a narrativa na ordem em que o próprio deseja; essa relação de poder decidir se sua escrita será de forma linear ou não. Com os rascunhos do autor, é possível verificar, de forma pincelada, quais histórias do passado e presente serão escritas e como elas serão selecionadas ou ganham tons e matizes. Como o autor mesmo exemplifica, trata-se de viver agora com as peças do passado e em outro contexto traz um olhar desnudado sobre a vida:

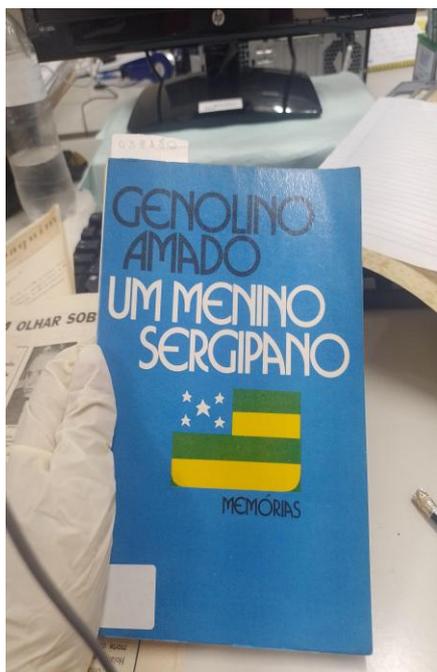
Quem primeiro se documenta e só depois abre o cofre de suas lembranças talvez faça história, porém não fará memórias. Pois o passado bom de se evocar é o que subjetivamente não passou, o vivido mas não ido, o que na alma se depura de si mesmo, guardando apenas o essencial, passado que se revê na sombra-luz das coisas etéreas. (AMADO, 1977, p.154)

O autor apresenta, no livro *Um menino sergipano*, trechos como esse acima, que conversam diretamente com a essência do seu trabalho, e refletem muito bem sobre essas reminiscências escondidas atrás do passado. Ao abrir o cofre das lembranças, o autor mexe em memórias afetivas. Assim, registra vivências pessoais e individuais. Como um jogo de espelhos entre personagem e narrador, enfrentando a subjetividade dos seus eus. O livro de memória documenta apenas a biografia individual, seguindo a temporalidade da história do autor. O autor Genolino salienta, na citação acima, que ao se documentar, mexer nesse passado íntimo, “Talvez não faça história” (p.154), pois a História enquanto ciência representa um saber universal, a partir de um discurso tomado como oficial. Logo,

utilizam meios institucionalizados com o intuito de registrar a evolução da sociedade, uma vez que a sociedade produz costumes, documentos e imagens , além de seguir uma cronologia do tempo. Já no gênero história, que se refere à narrativa, nós teremos elementos como espaço, narrador, personagem, enredo e tempo. Nesse caso, estamos nos referindo a uma narrativa que tem o intuito de relatar algo fictício ou real - assim construindo uma trama de novela, romance ou conto. Por isso, o autor dessa história narrativa conduz a escrita e mescla o imaginário ao redor dos seus personagens. No entanto, esse conceito se compara, de certa forma, com a escrita de Genolino Amado, pois ao escrever *Um menino sergipano*, ele utiliza também esses elementos narrativos.

Genolino compõe muito bem sua escrita, expandindo suas reminiscência com diversos recortes interessantes de sua vivência em Sergipe e aguça o saber até o limiar da sua memória. Há uma representação literária a partir de um cenário literário sergipano; em que as origens da sua terra são de extrema importância para a narrativa: é nela que o autor realiza uma produção literária diferenciada, com o sabor cultural daquele local como podemos observar quando diz que: “Por gosto à literatura não o empregaria. Mas por gosto a Aracaju tenho que lançar no papel: Vê-la e amá-la foi obra de um instante.” (AMADO, 1977, p. 99). Para reforçar a imagem de seu Estado e de seu pertencimento, o autor utilizou na capa de seu livro a bandeira de sua cidade natal. Como podemos observar abaixo:

Figura 1: Capa do Livro “Um menino sergipano”



Fonte: Foto capturada pela autora na Fundação Casa Rui Barbosa, no setor AMBL

O autor subdivide seu livro em duas partes, a primeira chamada Itaporanga e a segunda parte Aracaju. A divisão presente no volume de memórias narra momentos vivenciados em locais diferentes, porém enaltecendo a cultura, paisagem social e natural da sua terra natal, assim Sergipe se torna também o personagem central.

Os fragmentos contínuos da vida sergipana são apresentados com uma prosa coloquial astuta, escrita à beira do século XX, em que os valores patriarcais eram extremamente validados pela sociedade. Habilmente, o autor inseriu no livro uma narrativa que traz um olhar fotográfico de sua terra, que propõe ao leitor as características do ambiente, os costumes e as festas típicas da cidade nordestina.

. É um ato de reafirmação de um Estado para a sociedade e seus leitores, ao mostrar a pluralidade, a diversidade e a riqueza presente no nordeste, através de linhas memorialísticas.

Ao ler o capítulo IV ‘O Arquipélago’ (p.35), podemos observar que o autor narra sobre a vida e evolução de seus 13 irmãos, sendo eles Gilberto, Gentil, Gileno, Giuseppe, Gildásio, Gilson, Gildo, Gildete, Gillette, Genne, Maria Zulmbir e Pergentina. E podemos ver uma das perspicácias de Geno: o jogo com a linguagem.

Pois a sua escolha de título é uma forma de demonstrar como os seus irmãos eram distantes, ainda que formando um coletivo da mesma fonte, o que é reforçado posteriormente pelo autor quando escreve que “Na geografia familiar, não formamos um território contínuo e sim um arquipélago; ilhas irmãs, porém que se distinguem no panorama por um quê de especial.” (AMADO, 1977, p.17)

Podemos compreender, com isso, que encantar a todos através da escrita é um ato político, porque é a partir disso que se constrói o pertencimento a uma comunidade.

Contudo, após apresentar o panorama de escrita de Genolino Amado, é imprescindível a necessidade de compreender também os instrumentos de crítica genética, pois serão de extrema importância nessa tarefa de estudo genético.

3 A CRÍTICA GENÉTICA

Afinal qual é a relação da crítica genética com a literatura? Essa teoria se inicia em 1968 na França, após uma coleção de arquivos Heinrich Heine ser estudada por diversos pesquisadores no Centre National de la Recherche Scientifique - CNRS, utilizando práticas de arquivo em cada documento do poeta.

Em 1979, o autor Louis Hay, publica " *Essais de Critique Génétique*, e é assim que essa teoria ganha força e que os estudos dos geneticistas começam a ser explorados com mais intensidade. Alguns autores interessados em crítica textual e genética começam a escrever sobre o assunto e tornam-se pioneiros como P.M. de Biasi (1987), A. Grésillon (1990) e J. Neefs (1990). Esta prática confronta diretamente o que é o texto e os caminhos percorridos pelo autor, mas porque investigar rascunhos, rasuras e grifos?

O chamado esboço interessa a essa teoria, pois é ali que está desenvolvido o processo criativo, deixado para trás: são pré-textos inacabados que de grande importância para compreender a gênese de uma obra. Como afirma Cecília Almeida Salles, "A crítica genética surgiu com o desejo de melhor compreender o processo de criação artística, a partir dos registros de percurso deixados pelo artista". (SALLES, 2008, p.11-12)

Ocorrem diversos movimentos para contribuir com essa teoria geneticista, obras como a de Fernando Pessoa, poeta português, Clarice Lispector e Pedro Nava são utilizadas para as práticas de arquivos, com a proposta de investigar além da gênese textual.

Segundo Grésillon (2009) o arquivo possui elementos estruturais visíveis na lauda. A partir disso é elaborada uma análise do seu pré-texto averiguando o processo criativo escritural. Os esboços são de fato um patrimônio da ciência literária, J. Neefs afirma que:

O que importa é tentar compreender processos de invenção intelectual e estética que, através de tais atividades especiais, próprias de uma obra ou de um grupo de obras, podem caracterizar um gênero, um tempo, uma atividade cultural (J. Neefs, "La critique génétique: histoire d'une théorie", 1988, p. 16 e 21)

O papel do pesquisador geneticista é acompanhar todo processo artístico e escritural, através de diários, esboços e anotações. É preciso ser muito íntimo das

letras do autor para decodificar os embaraços registrados no documento. O investigador reconhece as características específicas da letra, os procedimentos feitos e decifra de fato as entrelinhas escritas pelo autor. A gênese textual é uma teoria que se aprofunda em verificar os documentos do dossiê genético; os ditos acervos compõem diversos manuscritos, esboços, anotações e diários.

Com isso, o geneticista analisa todo o processo de escrita avanço de escrita, seguindo as correções e esboços que são os pré-textos da obra. Biase aponta que o objetivo da crítica genética:

[...] é o de dar uma atenção tão grande quanto possível ao trabalho do escritor, aos seus gestos, às suas emoções, às suas incertezas: o que ela propõe é redescobrir a obra por meio da sucessão dos esboços e das redações que a fizeram nascer e a levaram até sua forma definitiva. Com que intenção? A de melhor compreendê-la: conhecer por dentro a sua composição, as intenções recônditas do escritor, seus procedimentos, sua maneira de criar, os elementos pacientemente construídos que ele acaba eliminando, os que ele conserva e desenvolve. Observar seus momentos de bloqueio, seus lapsos, suas voltas para trás, adivinhar seu método e sua prática de trabalho, saber se ele faz planos ou se ele se lança diretamente na redação, reencontrar o rastro preciso dos documentos e dos livros que ele usou, etc. A genética dos textos faz penetrar no laboratório secreto do escritor, no espaço íntimo de uma escritura que se busca [...] (BIASE, 2010, p.11)

Logo, a guarda de documentos é uma função importante na área da crítica filológica e genética. As bibliotecas e fundações costumam receber uma quantidade grande de arquivos de autores, a sua função é preservar a sua escrita e com isso auxiliar pesquisadores.

O dossiê genético tem uma expressiva quantidade de rascunhos, fotos, esboços e correspondências ativas e inativas. A preservação documental é de extrema importância, pois geralmente esses arquivos são guardados por diversas décadas e eles precisam de um cuidado particular. Assim sendo, cabe a estas instituições especializadas a conservação destes suportes, mantendo-os disponíveis para a eventual consulta de pesquisadores a tal arquivo.

É indispensável visar que o trabalho do geneticista seja minucioso, isso exige do pesquisador uma análise atenta, a fim de desvendar o mistério de sua investigação acerca de um quebra-cabeças com objetos de um fantasma, pois na maioria das vezes, quando é acessado acervos literários o autor, não está mais vivo para esclarecer tais paradigmas.

Para Almuth Grésillon “[...] Ao lado da paixão, os geneticistas dedicam ao manuscrito o culto da paciência. [...]” (1991 p.157). Diante disso, a obra literária requer a paciência mencionada para decifrar o seu objeto: a escrita. Pode-se inferir que sustentar uma pesquisa de arquivos exige dedicação e empenho para perceber, assim, formas ordenadas e significativas utilizadas no espaço da lauda, e como foi modificada entre os pré-textos e pós textos. Afinal, qual é, de fato, a função da rasura nas obras literárias?

Segundo Pierre Biasi, há um universo de possibilidades dentro da rasura, e ele apresenta quatro termos diferentes para designá-las, são eles: rasuras de substituição, de suspensão, de utilização, de deslocamento ou transferência. Assim, à medida que o autor rasura uma linha, palavra ou folha, insere outra coisa mais apropriada para o seu texto.

No entanto, é válido dizer que as funções da rasura representam o movimento escritural, sendo elas o processo de produção do texto. A partir da crítica genética, a escrita pré-textual começa a ter diversos direcionamentos. Com isso, o processo de criação artística toma forma e movimento a partir da premissa de que estamos reconstruindo as peças do manuscrito.

4 MANUSCRITO VERSUS DATILOGRAFIA

Num mundo onde tudo é digital, é difícil questionar como era a escrita antes da invenção do alfabeto. A comunicação se dava por uma forma totalmente diferente do que é hoje, usávamos objetos ditos ultrapassados, pois os recursos digitais são dos pós-modernos.

Ao recorrer à História, é possível verificar que os símbolos eram formas de representar palavras. Após a criação do alfabeto, para consumir o ato de escrever, foram usados diversos materiais pré-históricos, até chegar a nossa era digital com os computadores e tablets. Os olhares desatentos não percebem como avançamos bastante para chegar até aqui.

Nos dias de hoje, é difícil alguém escutar os termos datilografia ou manuscrito, pois o avanço tecnológico, afastou a sociedade dessas ditas antiguidades. O sujeito pós-moderno não utiliza seu bloco de notas de papel para escrever romances, após a cultura digital ser enraizada, agora é possível fazer isso com smartphone, pois nele há um aplicativo chamado bloco de notas ou até mesmo o Word, que é feito também para registrar a sua escrita em uma lauda digital. O ato de escrever manualmente com caneta e papel ainda é usado por alguns escritores *cool*.

Mas o que é o manuscrito? O manuscrito, do latim *manu* = mãos e *scriptus* = escrever, é um texto escrito à mão. Mas se voltarmos décadas, alguns exemplos mais simplificados de manuscritos eram feitos em pergaminhos e papiros usados com uma pena, cálamo etc.

No Brasil, em 1861, a máquina de escrever ganhou espaço como objeto de estudo. Este equipamento eletromecânico ajudaria a facilitar o processo de escrita. A datilografia venceu por muitos anos, pois ela apoiava a escrita. Essa técnica era feita em um aparelho eletromecânico, constituído por letras do alfabeto, números e sinais ortográficos, com um pedal para trocar de linha.

Em 1980, a maioria dos escritórios já usavam este aparelho para dar continuidade na produção de documentos e desenvolver suas práticas escriturais. E assim seguiu esse processo até meados do final dos anos 2000, quando surgem os computadores, e as máquinas de escrever entram em desuso.

Uma das áreas que estuda o avanço da escrita é a filologia, termo que se origina do grego antigo e significa "amor ao estudo, à palavra", e que é o estudo

avançado da linguagem de forma escrita, tendo como objetivo desenvolver uma linearidade do histórico diacrônico da linguagem escrita, porque seu intuito é esmiuçar questões da língua juntamente com a suas literaturas.

Com isso em mente, a partir de agora aplicamos, ainda que superficialmente, os procedimentos de comparação de frases obtidas do objeto livro e os esboços encontrados nos manuscritos, para seguir a pesquisa genética e o olhar da filologia para analisar trechos da obra *Um menino sergipano* de Genolino, para tal apresentarei uma tabela com isso e fotografias de parte da obra, obtidas na Fundação Casa Rui Barbosa, setor de Arquivo- museu de Literatura Brasileira.

Essa análise é baseada no Glossário de Crítica Genética do livro de Almuth Grésillon *Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos* (2007), Na tabela abaixo elaborada, será apresentado algumas comparações onde ocorrem as modificações. Do lado esquerdo as frases grifadas, é o texto do esboço, que foi alterado pelo autor pela própria revisão feita. Na lateral direita as frases grifadas, temos o texto publicado, que foi alterado e modificado pelo autor, para identificar melhor utilizamos uma numeração dos exemplos para identificar cada um.

Tabela 1: Estudo Genético aplicado

ANULADOS	TEXTO PUBLICADO
<i>Exemplo 1: Com ele aumentou a alegria da casa, atenuou-se a tristeza da que partira, e a irmã terrana que se fez celeste. P.35.</i>	<i>Com ele aumentou a alegria da casa, atenuou-se a tristeza da que partira.</i>
<i>Exemplo 2: Embora ainda médico cuja competência se desconfiava, não deixaria de curar lenfermedeirizada coisa tão ligeira. P.17</i>	<i>Embora ainda médico cuja competência se desconfiava, não deixaria de curar coisa tão ligeira.</i>
<i>Exemplo 3: A ligação, que teria mesmo de acontecer, de Genó com Penino era natural que fosse na escola em que ele já estudava. P.40</i>	<i>Teria fatalmente de acontecer a minha ligação especial com Penino. E por que não foi na escola em que ele estudava.</i>

<p><i>Exemplo 4: Tinha seis janelas de frente, três de cada lado da porta central. A porta, bem larga, era de quatro panos, como se fora serrada ao meio horizontalmente. P.29</i></p>	<p><i>Vista da rua, parecia maior do que lá dentro. Fachada com seis janelas. A porta, que as dividia três a três, também de boa largura. Serrada ao meio horizontalmente.</i></p>
<p><i>Exemplo 5: Já me referi antes à vivenda que Giuseppe planejou e construiu em Friburgo, no pitoresco Caledônia Vallery. Atualmente Giuseppe vive mais lá do que no Rio. Mesmo em junho, em julho, três ou quatro graus acima de zero, o sergipano aguenta e gosta, como se fôra suíço. P.42</i></p>	<p><i>Já me referi antes à vivenda que meu irmão planejou e construiu em Friburgo, no pitoresco Caledônia Vallery. E o seu maior encanto é o enorme, o decorativo girassol à entrada, Foi Giuseppe quem ali o plantou, Mas desconfio que a idéia veio de Pepino.</i></p>
<p><i>Exemplo 6: A fim de preparar a casa, com pintura nova e nova decoração, Melk. nos deu instalação provisória no edifício da Intendência Municipal, muito espaçoso, tão espaçoso que nem eram ocupados muitos dos seus compartimentos. P.32</i></p>	<p><i>E a festa foi extraordinária, ao que me contam, pois de tudo me recordo bem pouco. Durou cinco dias, celebrações de toda espécie, Itaporanga inteira, gente de Aracaju, muita gente de Estância.</i></p>
<p><i>Exemplo 7: Ganha nós, Giuseppe, eu e desconfio que até Gildásio, de cinco a seis anos, um diabrete. Que travessuras gostosas a de cutucar de longe, com a vara, o caititu! P. 114</i></p>	<p><i>Ganhamos nós, Giuseppe, eu, e desconfio que até Gildásio, já um diabrete. Que caçoada gostosa a de cutucar de longe, com a vara, o caititu!</i></p>
<p><i>Exemplo 8: Mimi veio boa. Adoeceu logo. Pelos sintomas, febre alta, fortes dores viscerais, dores de causar apreensões. P.85</i></p>	<p><i>Mimi veio boa. Adoeceu logo. Pelos sintomas, febre alta, fortíssimas dores viscerais, era de causar apreensões.</i></p>
<p><i>Exemplo 9: Sabença de almanaque, se é curta, não faz mal a ninguém. E porque o Genó amou Aracaju, amou de coração, mas sem qualquer erudição, Genolino quis saber, e soube facilmente, sem queimar as pestanas, a origem da palavra. P.98</i></p>	<p><i>Sabença de almanaque, se é curta, não faz mal a ninguém. E porque o garoto amou Aracaju, amou de coração, mas sem qualquer erudição, Genolino quis saber, e soube facilmente, sem queimar as pestanas, a origem da palavra.</i></p>
<p><i>Exemplo 10: Era o “rião”, como qualificou o Genó, que mal conhecia o Vaza- Barris e o Xinduba. P.99</i></p>	<p><i>Era o “rião”, como qualificou o menino que mal conhecia o Vaza- Barris e o Xinduba.</i></p>

Fonte: elaborado pela autora

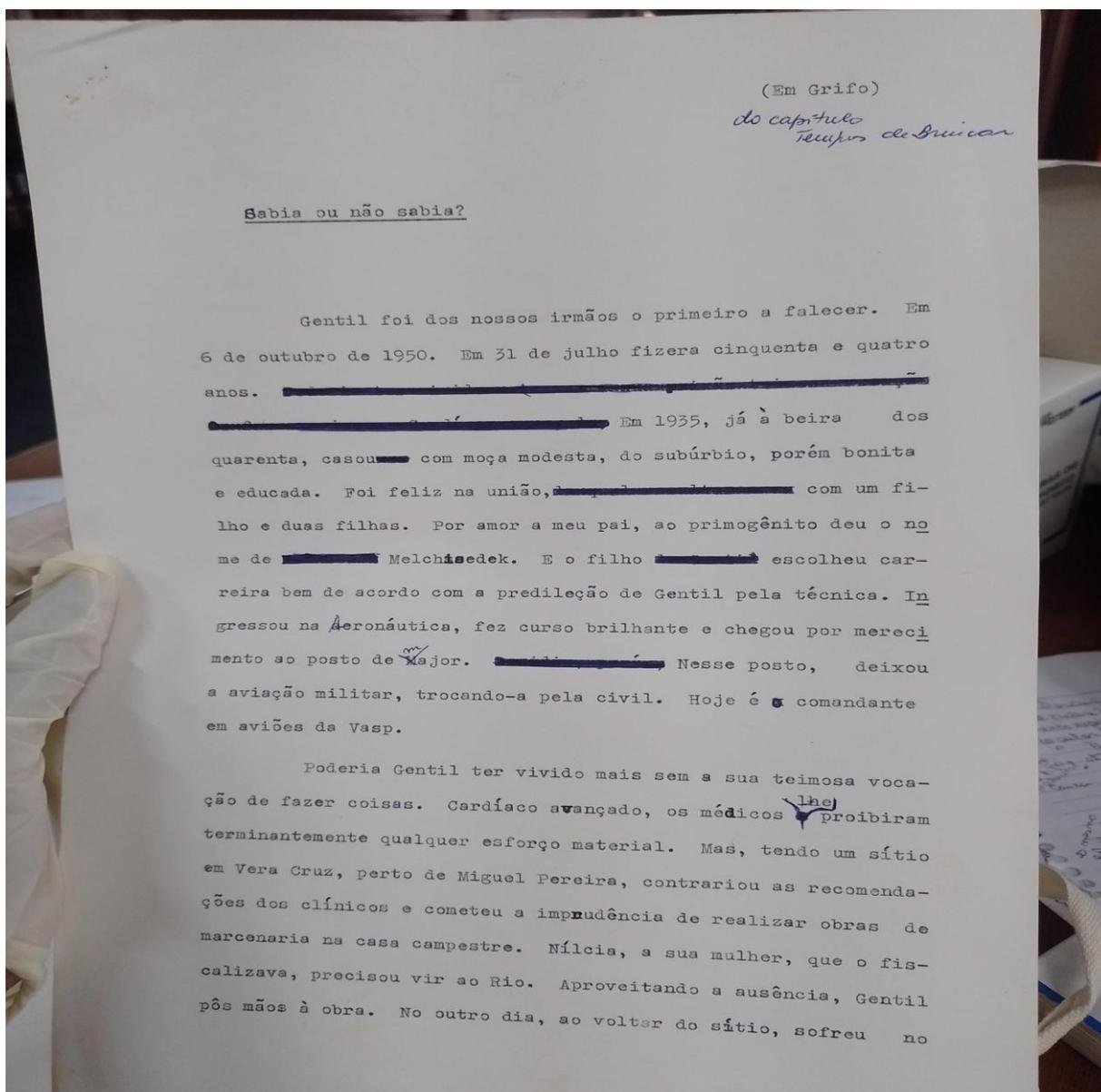
Após essa organização da exemplificação do sistema de modificações da escrita de Genolino, é possível perceber o movimento de supressão de sentimentos e emoções presentes na escrita. Para exemplificar melhor, utilizaremos a tabela no exemplo 1. O autor retém suas falas sobre o falecimento de sua irmã, isso fica notável, pois na versão anulada, ele descreve a dor com bastante melancolia. Por isso adjetiva o falecimento da irmã com muito teor emocional. No texto publicado, há um reparo desses adjetivos emocionais, e traz evidenciada uma escrita mais crua e direta. Em seguida, como podemos ver na tabela acima (exemplo 4, p.29), por exemplo, o autor utiliza uma mudança, e faz cortes sintáticos para tornar a narrativa "presente", ele altera toda a organização textual do trecho, faz movimentos de escrita mais estéticos, traz um panorama mais visual da cena. O movimento de criativo e de organização textual, prossegue no exemplo 5, p. 42, pois o autor anula os dados biográficos do Giuseppe e valoriza mais o ambiente e a memória do espaço, além de expressar uma melancolia e transmite uma visão afetiva dessa lembrança.

Ao prosseguir a análise, identificamos essa copresença entre narrador e o personagem, típico de textos memorialistas. Mas, no arquivo anulado, o autor se coloca como apenas "o genó", como vemos acima na tabela, exemplo 10, por exemplo. No capítulo 'Primeiro amor', página 99, retirado do livro *Um menino sergipano*, uma alteração é feita, pois há uma junção entre Genó x Menino. Sendo assim, o sistema de rasuras serve à criação da persona do narrador, equilibrado entre os nomes Genó e Menino. Ao texto editado encobre, pela alcunha do "Menino", ou mesmo pela palavra "garoto", a identificação exata entre autor e narrador.

As imagens inseridas abaixo têm o intuito de tornar visível o modo operacional de intervenção do autor, mostrar os momentos em que ele invalida algumas sentenças, como por exemplo ao usar pequenos grifos horizontais de caneta preta ou azul, indicado a anulação de palavras e substituição por outras. Em algumas laudas ele utiliza um "x" enorme para excluir seu texto, linhas onduladas, anotações nas laterais e nas bordas das laudas.

No capítulo intitulado “Sabia ou não sabia?” (**Figura 2**), o autor utilizou diversos tipos de rasura, sendo elas a de grifo e acréscimos. O escritor grifa palavras no primeiro parágrafo linha do texto na linha 3, 4, 6, 8 e 11, assim a palavra riscada abaixo torna-se rasurada. Acréscimo na linha 11 e 15, sendo elas as palavras: *M* e *lhe*. Todas as modificações utilizando tinta azul de caneta esferográfica, em cima do texto datiloscrito.

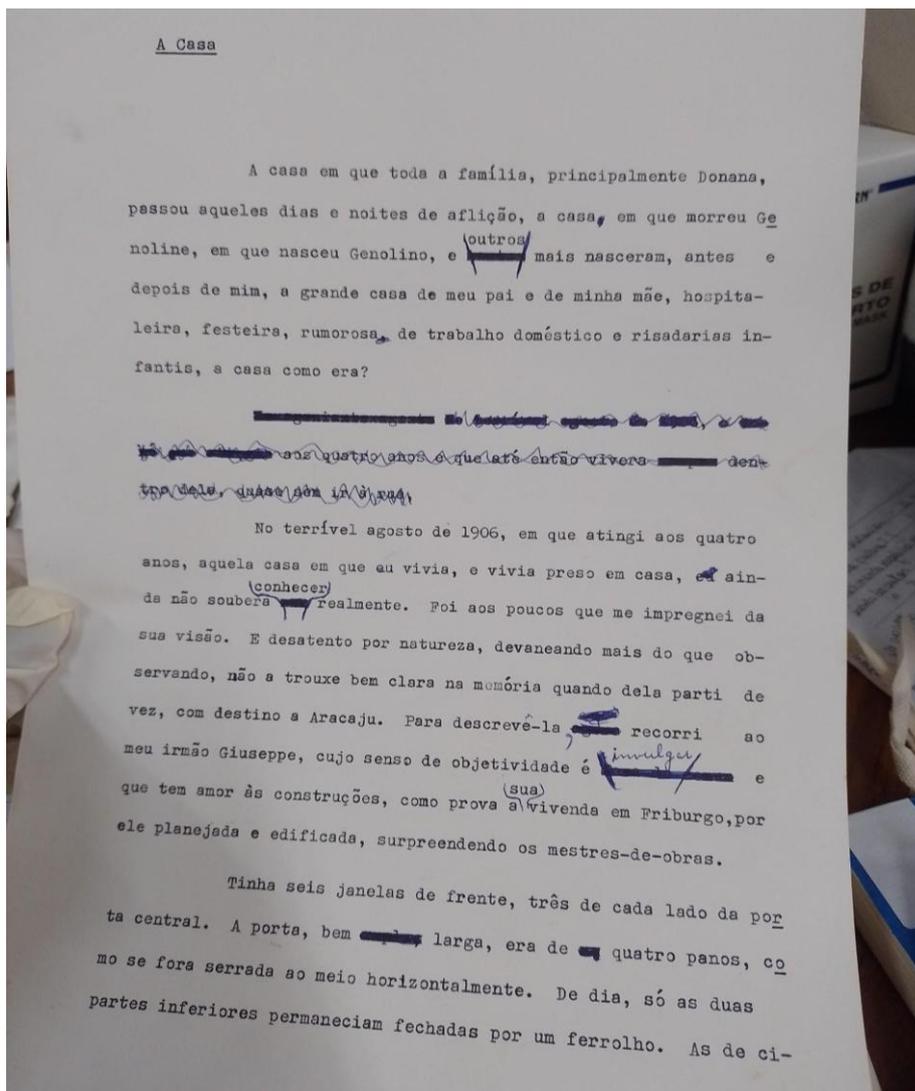
Figura 2: Sabia ou não sabia?



Fonte: Fundação Casa Rui Barbosa, no setor AMBL.

No capítulo intitulado “A casa” (**Figura 3**), o autor utilizou diversos tipos de rasura, sendo elas a de grifo, supressão, acréscimos e rasuras. O escritor grifa uma palavra na terceira linha do texto, onde utiliza duas barras, assim a palavra riscada abaixo torna-se rasurada. Também utiliza o acréscimo em cima da palavra rasurada nas linhas 12, 16 e 17, sendo elas as palavras: *outros*, *conhecer*; *invulgar*; *sua*. Todas as modificações utilizando tinta azul de caneta esferográfica, em cima do texto datiloscrito. No segundo parágrafo ele rabisca todas as sentenças.

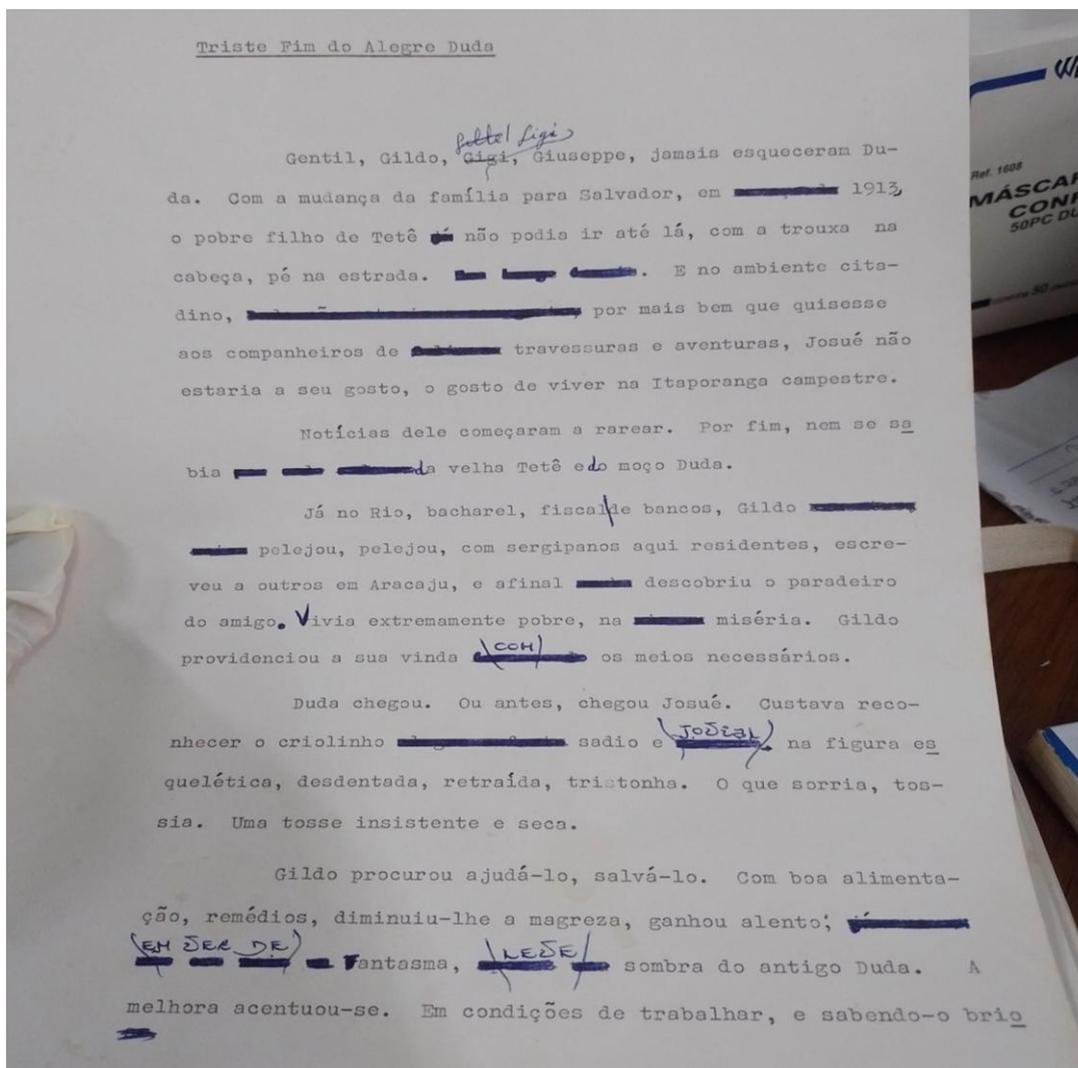
Figura 3: A casa



Fonte: Imagem capturada pela autora na Casa Rui Barbosa, setor AMBL.

No capítulo intitulado “Triste Fim de Duda” (**Figura 4**), o autor utilizou o ato de suprimir e substituir, sendo elas a de grifo, supressão, acréscimos e rasuras. Na primeira linha ele acrescenta palavras, no primeiro parágrafo nas linhas 2, 3, 4 e 5 grifa toda a palavra assim a palavra riscada abaixo torna-se rasurada. No terceiro parágrafo continua usando o método de rasura na linha 12; 13 e 14. Também utiliza o acréscimo em cima da palavra rasurada. Nas linhas 14, 16 e 19, sendo elas as palavras: *com*; *jovial*; *verde* ; *leve*.

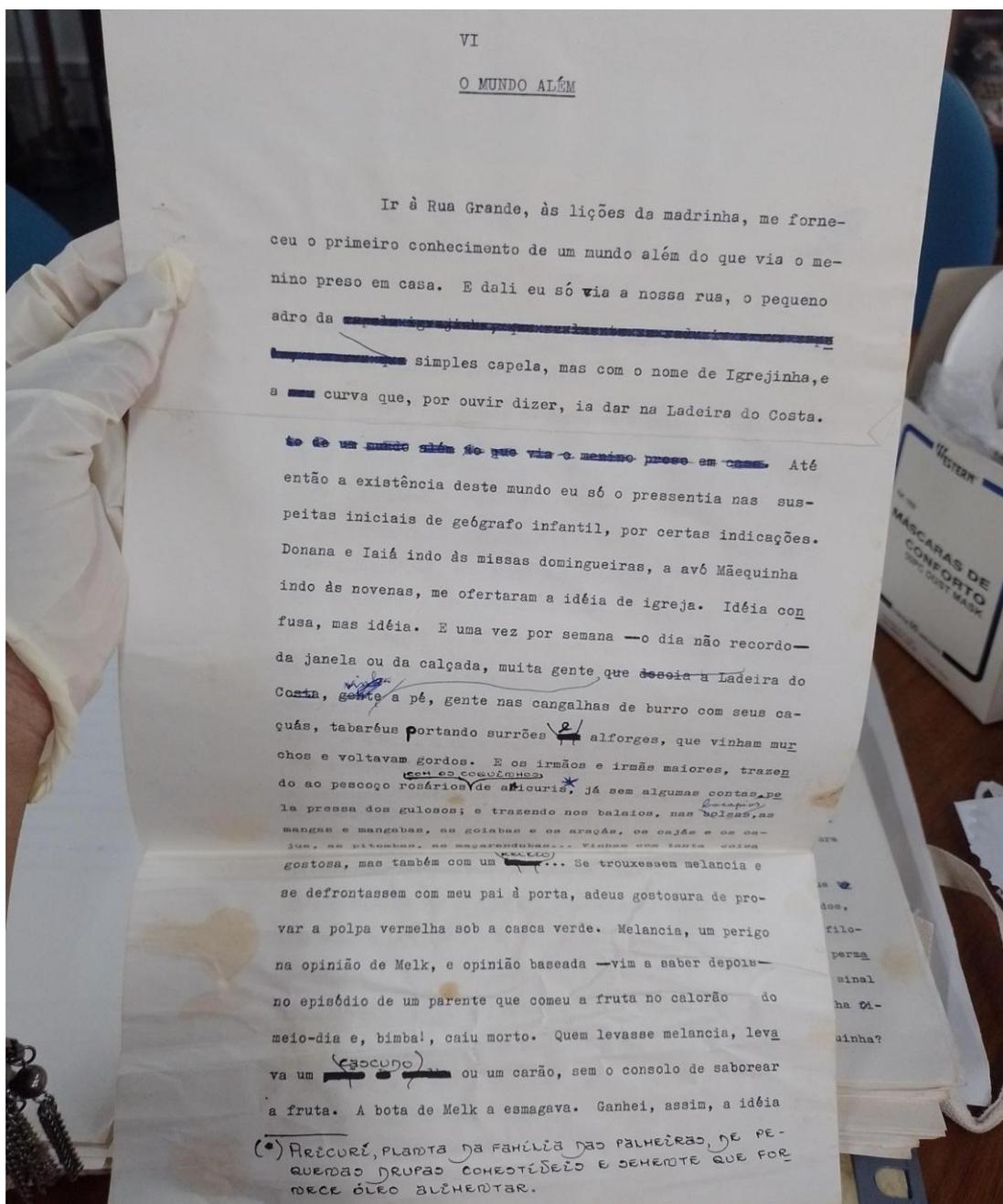
Figura 4: Triste Fim do Alegre Duda



Fonte: Imagem capturada pela autora na Casa Rui Barbosa, setor AMBL.

No capítulo intitulado “O mundo além” (Figura 5), o autor utilizou diversos tipos de rasura, sendo elas a de grifo no primeiro parágrafo linha 4; 6 e no último parágrafo linha 23, acréscimos, rasuras e linhas. Todas as modificações utilizando tinta azul de caneta esferográfica em cima do texto datiloscrito.

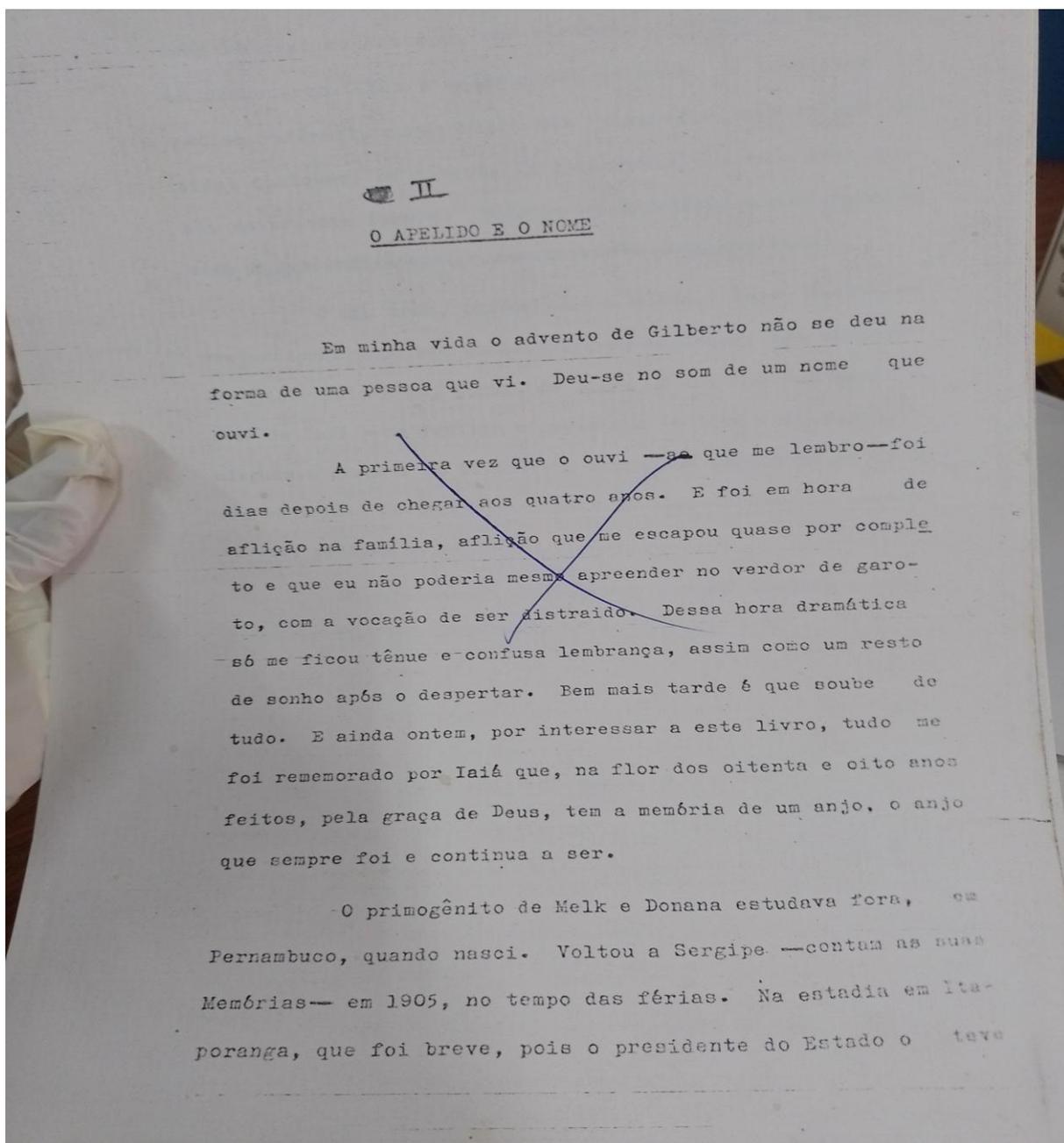
Figura 5: O mundo além



Fonte: Imagem capturada pela autora na Casa Rui Barbosa, setor AMBL.

No capítulo intitulado “O apelido e o nome” (Figura 6), observamos que o autor utilizou diversos tipos de rasura, sendo elas um “X” onde invalida o conteúdo. Todas as modificações utilizando tinta azul de caneta esferográfica em cima do texto datiloscrito.

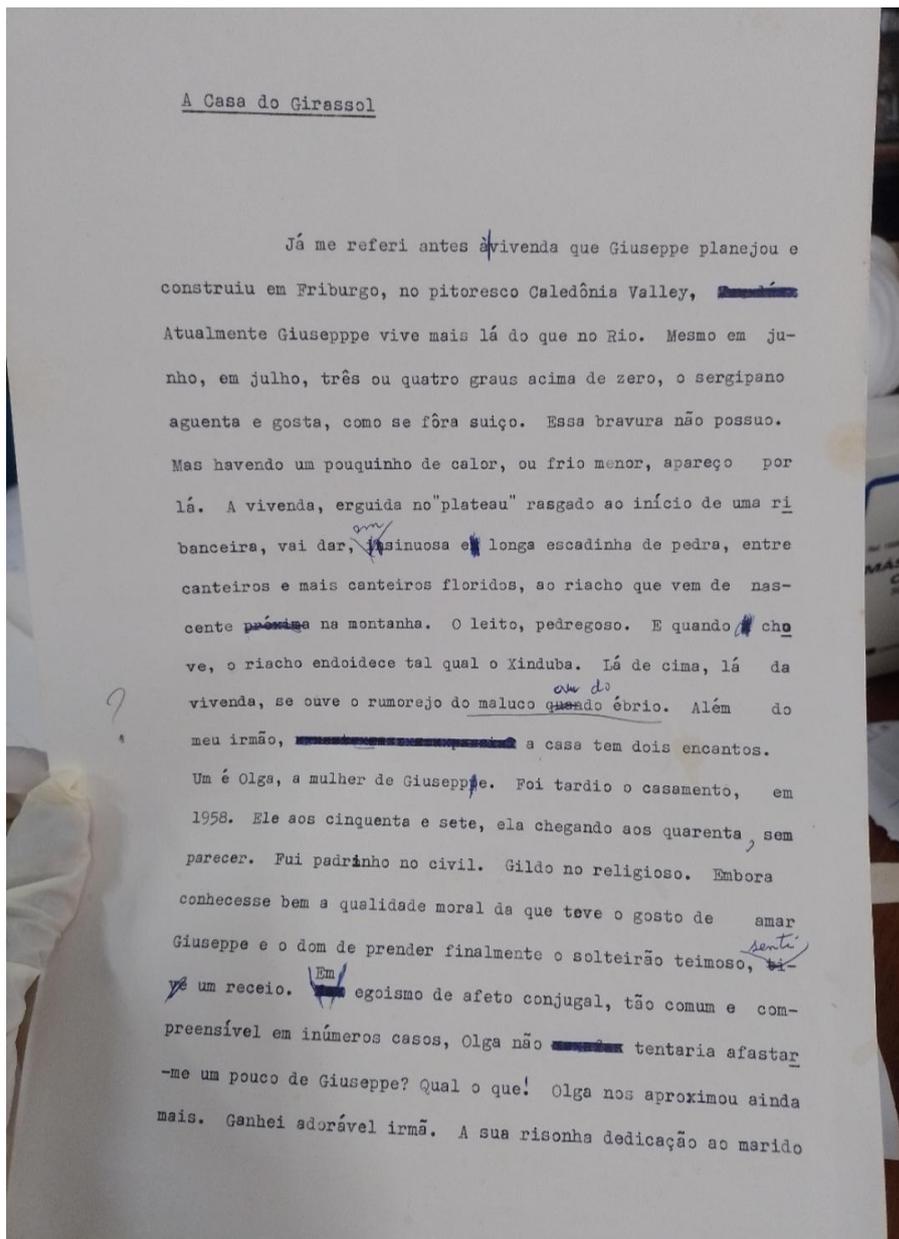
Figura 6:O apelido e o nome



Fonte: Imagem capturada pela autora na Casa Rui Barbosa, setor AMBL

No capítulo intitulado “A casa do Girassol” (**Figura 7**), pode-se localizar que o autor utilizou diversos tipos de rasura, sendo elas no primeiro parágrafo na linha 2, em seguida nas linhas 10, 13, 17 e 18. Acréscimo na linha 8, 18 e 19, sendo elas as palavras: *em*, *sentí*, *em*. Todas as modificações utilizando tinta azul de caneta, em cima do texto datiloscrito.

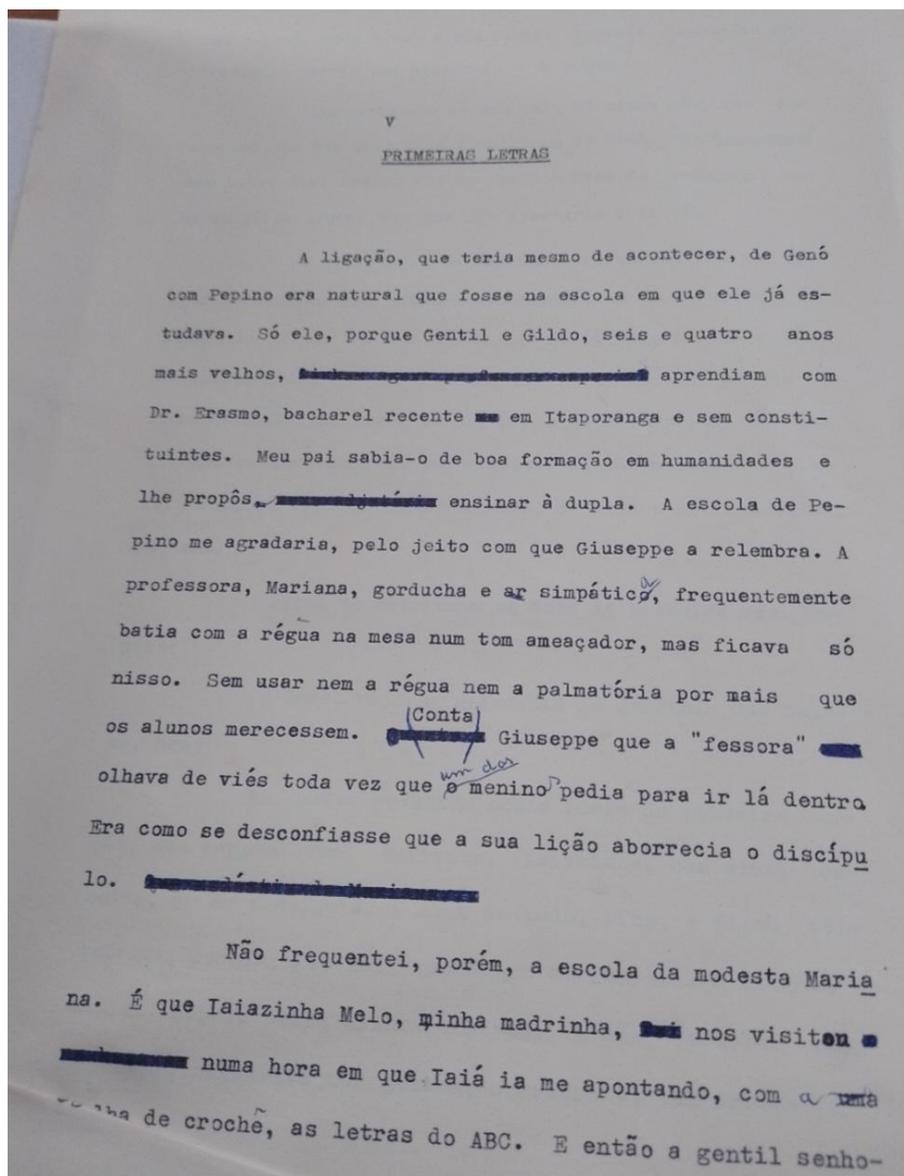
Figura 7: A casa do Girassol



Fonte: Imagem capturada pela autora na Casa Rui Barbosa, setor AMBL

No capítulo intitulado “Primeiras letras (Figura 8), o autor utilizou diversos tipos de rasura, sendo elas a de Grifo no primeiro parágrafo linhas 4, 7, 12, 14, e último parágrafo linha 18. Acréscimos na linha 14 e 15, utilizou a palavra: *Conta, um dos*. Todas as modificações utilizando tinta azul de caneta, em cima do texto datiloscrito.

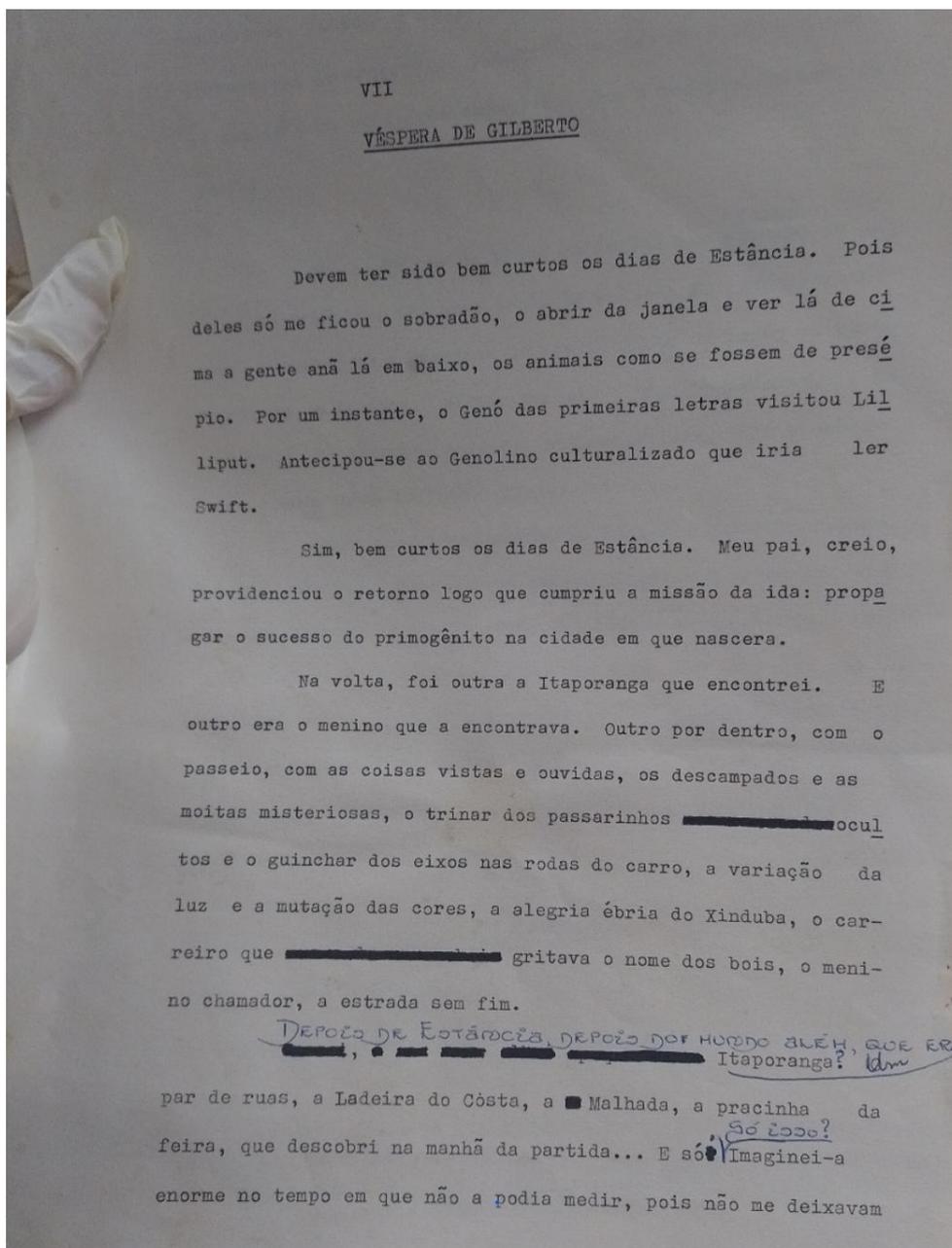
Figura 8: Primeiras Letras



Fonte: Imagem capturada pela autora na Casa Rui Barbosa, setor AMBL.

No capítulo intitulado “Véspera de Gilberto” (Figura 9) o autor utilizou rasuras de grifo linhas 13, 15, 16 e 17. Em seguida, a utilização de acréscimo no último parágrafo nas linhas 17 e 19, sendo a frase: *depois de Estância, depois do mundo além, que era? Só isso?* Todas as modificações utilizando tinta azul de caneta, em cima do texto datiloscrito.

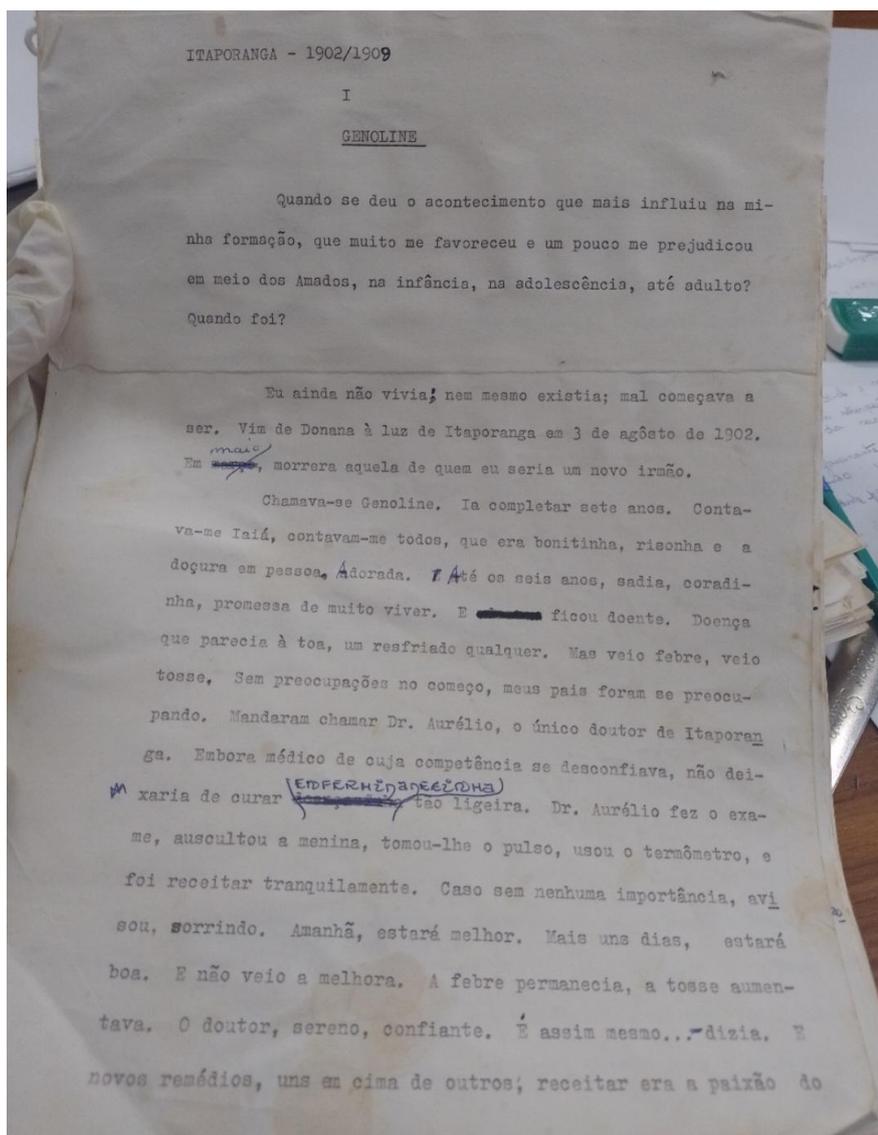
Figura 9: Véspera de Gilberto



Fonte: Imagem capturada pela autora na Casa Rui Barbosa, setor AMBL.

No capítulo intitulado “Genoline” (Figura 10), o autor utilizou recorte na parte superior, um grifo na linha 7, 10 e 15, além de inserir acréscimo de palavras, sendo elas: *maio*, *enfermidadeinha*. Todas as modificações utilizando tinta azul de caneta, em cima do texto datiloscrito.

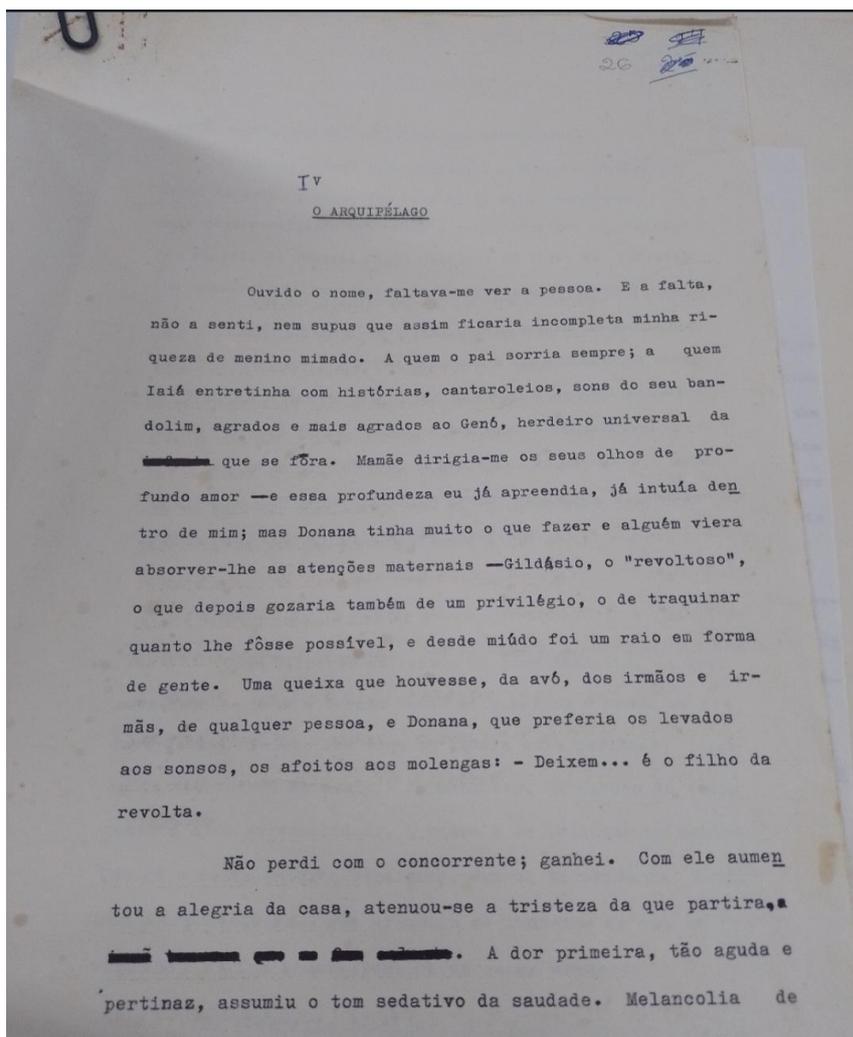
Figura 10: Genoline



Fonte: Imagem capturada pela autora na Casa Rui Barbosa, setor AMBL

No capítulo intitulado “O Arquipélago” (**Figura 11**), o autor utilizou grifos nas palavras no primeiro parágrafo na linha 6 e último parágrafo linha 17. Na parte superior o autor rasurou a numeração da página. Todas as modificações utilizando tinta azul de caneta, em cima do texto datiloscrito.

Figura 11: O Arquipélago



Fonte: Imagem capturada pela autora na Casa Rui Barbosa, setor AMBL

Conforme é abordado nas teorias da genética e da crítica textual, algumas sinalizações, como as que pudemos perceber nas folhas datiloscritas de Genolino, representam futuras modificações, que poderão ou não ocorrer; isso é feito com intuito de ajustar aqueles pré-textos. A escrita é o dispositivo que traça os conceitos, e as relações entre o texto e a gênese, podem aparecer com o um mapeamento do crítico genético.

É a partir de uma coleta de dados, através deste estudo genético, e observando as supostas rasuras, anotações, e grifos do arquivo, que o progresso dessa pesquisa ganha força a partir de um empenho em meio aos papéis dos arquivos.

Diante dessas alterações, é possível acompanhar o processo de raciocínio, pois isso seria um indício do desenvolvimento artístico da criação. No entanto, também se deixam aos futuros pesquisadores hipóteses e imaginações totalmente férteis. Dependendo de qual rasura é deixada na lauda, é possível ter diversas interpretações, partindo-se de um ponto de vista criativo e imaginativo. Ao fazer uma análise minuciosa do material datiloscrito de Genolino, o escritor, através da máquina de escrever, utilizava o modo operacional de corrigir os pré-texto e esboços de forma manuscrita, conjugando dois processos de escrita, duas relações de tempo e de meditação sobre a composição literária.

Ao analisar o material arquivístico do autor, podem ser encontrados diversos roteiros de futuros capítulos que não foram publicados, com eixos significativos. O acervo está bem preservado, e os arquivos estão com uma cor amarelada, característica da passagem do tempo. Devido à sua temporalidade, apesar das fundações conservarem os arquivos, não é possível fugir do fator tempo. Devido a isso algumas laudas apresentam pequenos rasgos ou manchas. No entanto, é notável como os pré-textos datiloscritos eram corrigidos e revisados atentamente pelo autor. O manuscrito final é constituído por 225 fólios, escritos no papel A5 ofício sem pauta, totalmente datiloscrito.

As correções, como vistas nas imagens acima, eram feitas com caneta esferográfica azul, e as anotações na lauda não tinham lugar fixo, ele alternava o espaço da lauda. Além de grifar palavras, para não serem codificadas. O modo operacional com que o autor invalida algumas sentenças varia, como, por exemplo, ao usar pequenos grifos horizontais de caneta preta, indicado a anulação de palavras e substituição por outras. Em algumas laudas, ele utiliza um x enorme para

excluir seu texto, há linhas onduladas, anotações nas laterais e nas bordas das laudas.

Além disso, o autor deslocava palavras, fazia colagens e grampeava pequenos recortes com novas narrativas nas laterais do papel, costumava modificar as numerações das laudas datilografadas, usando caneta ou lápis.

Os arquivos de Genolino Amado, mesmo sendo datilografados, contêm algumas questões atreladas aos prototextos. Mas também é importante atentar-se para a proposta do autor, pois ela ilustra um olhar direcionado ao nordeste, sua representatividade de apresentar na capa de seu livro a bandeira de Sergipe. Remete a um jeito de reafirmar uma visão da sergipanidade, pois neste livro não existe apenas uma escrita memorialista, mas uma memória visada por um recorte afetivo e nostálgico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fase inicial desta pesquisa teve como base o acervo encontrado na Fundação Casa Rui Barbosa- FCBR, no setor Arquivo-Museu de Literatura Brasileira - AMLB, onde também pude utilizar o livro *Um menino sergipano* do autor Genolino Amado. Além disso, tivemos acesso ao arquivo pessoal do autor. Ao acessar esse material, montamos um dossiê do livro mencionado. Após conhecer a biografia de Genolino Amado e os seus documentos datilografados, separamos os materiais para análise. A partir disso, construímos um passo a passo entre o desenvolvimento criativo do autor até seu trabalho final, o livro *Um menino sergipano*. Desse modo, o estudo seguiu na verificação de modificações do texto, usando como base os estudos em crítica genética.

Conforme é abordado nas teorias de crítica genética, algumas sinalizações feitas na obra do escritor, representam futuras modificações, que poderão ou não ocorrer. Isso é feito com intuito de ajustar aqueles pré-textos.

Diante dessas alterações, é possível acompanhar o processo de raciocínio, pois isso seria um indício do desenvolvimento artístico da criação.

A escrita de Genolino vista pelo viés da criação se torna mais genial, pois parte de uma identidade cultural construída pelos labirintos da memória. Além de trazer Sergipe como um protagonista da sua história, a valorização do Estado é notória desde a escolha da capa do livro com a bandeira de Sergipe que é o indício de um trabalho espelhado em torno de sua cidade natal. Nosso gesto de ao trazer um livro biográfico para pesquisa faz com que a memória de Genolino Amado continue sendo partilhada entre as pesquisas, entendemos isso como um ato de dar continuidade à sua narrativa, uma passagem entre o passado e o futuro, reafirmando a importância de sua escrita memorialista.

Conclui-se, assim, que os fragmentos apresentados na escrita pelo autor Genolino Amado, no livro *Um menino sergipano*, possuem uma supressão de sentimentos identificados, a partir da comparação e aplicados à genética no texto, especialmente quando analisamos os procedimentos das rasuras. Para isso, foi feita uma tabela, e a inserção de algumas imagens, com o objetivo de tornar identificável o passo a passo das modificações presentes no esboço e no livro.

Infere-se que o autor tenta depurar os sentimentos da linguagem, e trazer uma versão mais objetiva e menos adjetivada ou sensível, o que nos assinala o

intuito de construir uma obra que dialoga também com as memórias do leitor, e o narrador faz isso retirando marcas muito pessoais do texto, abrindo-o à experiência da leitura. Essas percepções se devem à importância da crítica genética aplicada ao texto, pois sem ela não poderíamos desenvolver essa pesquisa.

A preservação do material datiloscrito foi de extrema importância: graças à Fundação Casa Rui Barbosa, tivemos o acesso a estes documentos que são necessários para uma pesquisa nos arquivos literários. Diante disso, o ato de preservar o acervo garante aos futuros pesquisadores dar continuidade àquele material literário, ajudando, assim, a construir um elo entre a memória do autor e o conjunto literário da literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

AMADO, Genolino. **Um menino sergipano**. [S.l.]: [S.n.], 1977.

DE BIASI, P. La critique génétique. In: BERGEZ, D. (ed.) **Introduction aux méthodes critiques pour l'analyse littéraire**. Paris: Bordas, 1990, p. 5-40.

DE BIASI, P. **A genética dos textos**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2010. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=VzunVuBUNW8C&lpg=PA7&ots=GcaLNbG21p&dq=BIASI%2C%20P.%20A%20gen%C3%A9tica%20dos%20textos&lr&hl=pt-BR&pg=PA7#v=onepage&q=BIASI,%20P.%20A%20gen%C3%A9tica%20dos%20textos&f=false> Acesso em: 26 nov. 2023

CANDIDO, Antonio. Poesia e ficção na autobiografia. **A educação pela noite e outros ensaios**, v. 2, p. 51-69, 1989.

GRÉSILLON, Almuth. Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos. Tradução Cristina de Campos Velho Birck et al. Porto Alegre: EDUFRGS, 2007 [1994].

GRÉSILLON, A. Les manuscrits littéraires: le texte dans tous ses états. **Pratiques**, v. 57, n. 1, p. 107-122, 1988. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/prati_0338-2389_1988_num_57_1_1477 . Acesso em: 26 nov. 2023

HAY, L. **A literatura dos escritores: Questões de Crítica Genética**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (Org.) **Gêneros Textuais e Ensino**. pg. 19-36, 2ª ed. Rio de Janeiro:Lucerna, 2003.

MENDES, Murilo. Texto de Consulta. In: _____ **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, p.737, 1995. Disponível em: [bhttps://www.museudeartemurilomendes.com.br/instrucao1/](https://www.museudeartemurilomendes.com.br/instrucao1/). Acesso em:10 dez. 2023

NEEFS, J. **Critique génétique et histoire littéraire. L'histoire littéraire aujourd'hui**. Paris: Armand Colin, 1990.

SALLES, C. A. **Crítica Genética: uma (nova) introdução. Fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística**. São Paulo: Educ, 2000.

ZULAR, R. **Criação em processo: Ensaio de crítica genética**. São Paulo: Editora Iluminuras LTDA, 2002. Disponível em: https://web.archive.org/web/20180727170629id_/http://www.scielo.br/pdf/alea/v5n2/a12v05n2.pdf . Acesso em: 26 nov. 2023